

LIÇÃO 33 — RESULTADOS PRÁTICOS DA OBRA DE CRISTO A REVELAÇÃO DE DEUS

1) INTRODUÇÃO

- a) Teologia da cruz: Lutero diz que, antes da cruz, se poderia pensar em uma "teologia da glória" — conhecimento de Deus na criação, mas depois da cruz, o lugar privilegiado da revelação de Deus é a pessoa de Cristo e sua obra de salvação.
- b) Na cruz, Deus falou ao mundo; assim como os seres humanos revelam seu caráter por meio de suas ações, Deus se mostrou a nós por meio da morte do Filho.

2) A GLÓRIA DE DEUS

- a) Glória: (1) fama; honra; reputação; (2) esplendor; fulgor; halo; (3) majestade de Deus;
- b) Etimologia:
 - i) Latim: *cloria* (lat.), *kleo* (gr.) exaltar, louvar, celebrar (1Pe 2.20) e *kluo* (gr.) entender;
 - ii) Hebraico: *kabod*, glória; do verbo *kabed*, ser pesado, ter peso; fig. importância.
 - iii) Grego: *doxa* (s.) opinião (original); depois, esplendor; *doxazo* (v.), glorificar;
- c) João: morte de Jesus como glorificação (12.16,23,28,31s; 14.13; 15.8; 17.1,5,10; 21.29).
 - i) Antigo Testamento: (*kabod*) glória de Deus revelada na criação do Universo e na história da nação redimida; céus e terra estavam cheios da glória; a libertação de Israel do cativeiro egípcio e do babilônico revela o caráter misericordioso e justo de Deus.
 - ii) Novo Testamento: (*doxa*, *doxazo*) a glória de Deus está associada a Jesus Cristo;
 - (1) Sinóticos: a glória de Jesus foi vislumbrada na Transfiguração, mas sua manifestação completa não se daria até a "parousia" e consumação do reino.
 - (2) João: a glória de Cristo foi manifestada em seus milagres ou "sinais", mas acima de tudo devia ser vista em sua fraqueza presente, na auto humilhação da encarnação. "E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai" (Jo 1.14).
- d) Jesus fala de sua morte como glória: o Pai e o Filho são glorificados.
 - i) "É chegada a hora de ser glorificado o Filho do homem" (Jo 12.13): morte como grão de trigo que cai ao chão e a glória que o Pai havia de trazer ao seu próprio nome.
 - ii) "Agora foi glorificado o Filho do homem, e Deus foi glorificado nele" (Jo 13.31).
 - iii) "Pai... glorifica a teu Filho, para que o teu Filho te glorifique a ti" (Jo 17.1).

3) O AMOR DE DEUS

- a) Amor puro: sem Cristo e sua cruz, o mundo jamais teria conhecido o verdadeiro amor; as pessoas experimentam certo grau ou qualidade de amor, mas o "amor puro, não manchado por alguma nuance de segundos motivos, foi praticado na história do mundo, a saber, o amor de Deus que se deu a si mesmo em Cristo na cruz por pecadores que não o mereciam. E por isso que, se estamos procurando uma definição de amor, não devemos ir ao dicionário, mas ao Calvário" (Stott, p. 216).
- b) Definição de amor em João:
 - i) "Nisto conhecemos o amor, em que Cristo deu a sua vida por nós" (1Jo 3.16);
 - ii) "Nisto consiste o amor, não em que nos tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou, e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados" (4.10).
 - iii) Deus manifestou seu verdadeiro amor entre nós (v. 9) enviando seu Filho unigênito ao mundo para que morresse por nós e pudéssemos viver por meio dele.
 - iv) As palavras "viver" (v. 9) e "propiciação" (v. 10) representam a extremidade de nossa necessidade; como pecadores, merecemos morrer sob a justa ira de Deus; mas Deus

enviou o seu único Filho, e nEle, ele mesmo veio a fim de morrer a morte e levar a ira em nosso lugar. Foi um ato de puro e imerecido amor.

c) Definição de amor em Paulo:

- i) Objetivo — histórico: a obra do Filho de Deus — "Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores" (v. 8).
- ii) Subjetivo — experimental: a obra do Espírito de Deus — "O amor de Deus é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo" (v. 5).
- iii) Conclusão: Deus provou o seu amor na história por meio da morte do seu Filho, e continuamente o derrama em nossos corações por meio da habitação do Espírito.

d) Amor de Deus na cruz: 3 aspectos

- i) Deus deu o seu Filho por nós: a essência do amor é autodoação; se excluísse a autodoação, o amor não seria puro; mas, em Cristo, Deus se deu a si mesmo — "Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito" (Jo 3.16). Deus "não poupou a seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou" (Rm 8.32).
- ii) Deus deu o seu Filho a fim de morrer por nós: a encarnação não seria suficiente; era necessário obedecer até o fim, até a morte, e "morte de cruz" (Fp 2.7-8) em nosso lugar. "Fazer-se pecado o Imaculado, morrer o Imortal — não temos meios de imaginar o terror da dor envolvida em tal experiência" (Stott, p. 219).
- iii) Deus deu o seu Filho a fim de morrer por nós:
 - (1) pecadores: que "carecem da glória de Deus" (Rm 3.23);
 - (2) ímpios (Rm 5.6): que não deram glória e honra a Deus (3.18);
 - (3) inimigos (5.10): rebeldes contra Deus, contra seu amor e sua lei (8.7);
 - (4) fraco (5.6): que tinham poder para se salvar; impotentes.
 - (5) "Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco" — seu amor singular — nisto, que ele morreu por pessoas pecadoras, ímpias, rebeldes e fracas como nós.

e) Amor: o valor do amor é medido tanto pelo que custa a quem ama como pelo grau de merecimento de quem é amado. Mas Deus tudo por aqueles que nada dele mereciam.

f) Tese de Vanstone: marcas do amor falso e do amor autêntico

marcas do amor falso	marcas do amor autêntico
limitação (algo é retirado)	dar de si mesmo sem limites
controle (manipulação das pessoas)	correr riscos sem certeza de êxito
distância (permanece ileso, insofrido)	ser vulnerável ao ponto de mágoa

g) Amor de Deus é autêntico:

- i) O amor de Deus é "despendido em autodoação, totalmente despendido, sem resíduo nem reserva, esgotado, gasto", ou seja, ao dar o seu Filho, ele deu-se a si mesmo.
- ii) O amor de Deus é "despendido em esforço precário, até mesmo posicionado à beira do fracasso...", pois ao morrer, o Filho perdeu o controle de si mesmo.
- iii) O amor de Deus é "indefeso ante o que ele ama, aguardando no fim a resposta que será sua tragédia ou seu triunfo." Deus se fez vulnerável a possibilidade de que eles o desprezassem e lhe voltassem as costas.

4) PARA REFLETIR

- a) "Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria, como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e inescrutáveis os seus caminhos!" (Rm 11.33ss).
- b) "Quando olhamos para a cruz, vemos a justiça, o amor, a sabedoria e o poder de Deus. Não é fácil determinar qual desses aspectos é mais brilhantemente revelado, se a justiça de Deus ao julgar o pecado, se o amor de Deus ao levar o castigo em nosso lugar, se a sabedoria de Deus em combinar com perfeição as duas coisas, ou se o poder de Deus em salvar aqueles que creem. Pois a cruz é, de igual forma, um ato e, portanto, uma demonstração da justiça, do amor e da sabedoria de Deus. A cruz nos assegura que esse Deus é a realidade dentro, por trás e além do Universo" (Stott, p. 231).